

LUTO IMPENSÁVEL: QUANDO A RECUSA É UMA TRANSMISSÃO PSÍQUICA ENTRE GERAÇÕES

UNTHINKABLE MOURNING: WHEN REFUSAL IS A PSYCHIC TRANSMISSION BETWEEN GENERATIONS

DUELO IMPENSABLE: CUANDO EL RECHAZO ES UNA TRANSMISIÓN PSÍQUICA ENTRE GENERACIONES

Verônica Guimarães Rodrigues¹

Resumo: O artigo pretende apresentar um estudo teórico, a partir do método de pesquisa em psicanálise, que aborda não somente a teoria clínica, mas um pensamento clínico acerca da ideia de um luto impensável, manifestado através da falta de significância — mais ainda, de valor simbólico e representativo — referente às perdas, fazendo com que certos indivíduos sofram de grandes angústias, além de permanecerem na vida sem um sentido de existência própria. Isso ocorre por meio de uma falha na transmissão entre gerações, estabelecida muitas vezes pelo não dito, pelo segredo, como um funcionamento psíquico de defesa diante de percepções traumatizantes. Nesse sentido, a transmissão específica do mecanismo de defesa da recusa foi identificada como fator principal que justifica a condição de um luto impedido de ser realizado, tornando o pensamento impensável, em seu estado bruto, gerador de angústias inomináveis e de uma dificuldade em elaborar perdas. Este trabalho é o reflexo de um pensamento clínico, observado a partir da experiência prática da clínica.

Palavras-chave: Luto. Impensável. Recusa. Transmissão Psíquica.

Abstract: The article aims to present a theoretical study, based on the research method in psychoanalysis, which addresses not only clinical theory, but clinical thinking about the idea of unthinkable mourning, manifested through a lack of significance — even more so, of symbolic and representative value — in relation to losses. This causes certain individuals to suffer great anguish and to remain in life without a sense of their own existence. This occurs due to a failure in transmission between generations, often established by what is unspoken, by secrecy, as a psychic defense mechanism in the face of traumatizing perceptions. In this sense, the specific transmission of the defense mechanism of denial was identified as the main factor that justifies the condition of mourning being prevented from taking place, rendering thought unthinkable, in its raw state, and generating unspeakable anguish and difficulty in processing losses. This work reflects clinical thinking observed through the experience of clinical practice.

Keywords: Mourning. Unthinkable. Refusal. Psychic transmission.

Resumen: El artículo tiene como objetivo presentar la idea de un duelo impensable como síntoma que expresa la falta de significación, más aún, de valor simbólico y representativo en relación a las pérdidas, provocando en ciertos individuos una gran angustia. Además, pueden seguir viviendo sin tener sentido de la propia existencia. Esto ocurre a través de una falla en la transmisión entre generaciones, muchas veces establecida por lo no dicho, por el secreto,

¹ Psicóloga clínica, psicanalista, pós-graduada em teoria psicanalítica e mestra em Psicologia Clínica (PUC-SP). ORCID: 0000-0002-3580-9737. E-mail: veronicaguimaraes.psicologia@hotmail.com

como funcionamiento psíquico de defensa ante percepciones traumatizantes. En este sentido, la transmisión específica del mecanismo de defensa del rechazo fue identificada como el principal factor que impide la realización del duelo, volviéndose impensable, generando una angustia innombrable y una dificultad para elaborar las pérdidas, o incluso para llevar a cabo el trabajo de duelo. Este trabajo es un reflejo de un pensamiento clínico observado a través de la experiencia de la práctica clínica.

Palabras clave: Duelo. Impensable. Rechazo. Transmisión Psíquica.

INTRODUÇÃO

O estudo buscou compreender uma angústia escamoteada, tamponada, verificada a partir da experiência prática da clínica, em que foram observados diversos sintomas de dificuldades elaborativas em torno das perdas. Perdas sem sentido e sem valor simbólico, ignoradas em seu valor. Além disso, havia lutos que não pareciam vir apenas das experiências próprias de perdas, mas de perdas desconhecidas, isto é, das vivências de outras pessoas ou com outras pessoas. Era muito comum escutar dos pacientes: “nunca conversamos sobre isso”, “nunca pensei nisso” ou, ainda, “não se toca nesse assunto”.

Por que existe essa desconsideração de algo tão importante e marcante? Havia tantos lutos por elaborar, tantas perdas a pensar e, ao mesmo tempo, um empobrecimento simbólico agudamente grande, que impedia um trabalho de elaboração psíquica. Tais casos clínicos continham perdas significativas. Com isso, a falta de importância e de sentido de perdas de situações que pareciam ser impensáveis me fez refletir sobre a ideia de um possível *luto impensável*.

Em tais casos, fui observando e percebendo que havia uma inscrição psíquica dos pais depositada na psique desses sujeitos, sem deixar, porém, traços de memória, o que tornava muito difícil a elaboração de um luto. Nesse sentido, os pensamentos de René Kaës, Tatiana Inglez-Mazzarella, Bernard Penot e, é claro, fundamentalmente, de Freud foram essenciais para aludir a esse luto impensável, a partir de uma transmissão psíquica entre gerações.

A ideia do luto impensável se ampara, principalmente, em uma linha de pensamento acerca de uma transmissão da vida psíquica entre gerações. São pesquisas que, segundo Kaës (2001), têm se desenvolvido no confronto clínico com organizações psicóticas, *borderline* ou narcísicas, mediante investigações realizadas no início dos anos 1970, baseadas no luto, na herança, na incorporação, na cripta e no fantasma, cujos precursores são Nicolas Abraham e Maria Torok. Esse pensamento da transmissão da vida psíquica enfatiza uma falha na transmissão, além da negatividade desta, e destaca um segredo, uma cripta, isto é, uma falta tamponada e algo não simbolizado, ou uma falha na metabolização psíquica.

Bernard Penot (1992) contribuiu para o estudo dessa falha de metabolização por meio de seu trabalho sobre a recusa: *Figuras da recusa: alguém do negativo*. O autor escreve que a transmissão da vida psíquica tem ligação com uma falha de transmissão na relação com um trabalho psíquico mal realizado dos pais, relacionado ao mecanismo de defesa da recusa. Kaës também apontará para a transmissão da vida psíquica e uma falha, porém com a ideia de um fantasma enquistado no sujeito, vindo de uma falha na transmissão, e afirma:

por causa disso e a despeito disso, dá-se uma transmissão cujas particularidades são penosamente identificadas pelo enquistamento no inconsciente de um sujeito de uma parte das formações inconscientes de um outro que vem persegui-lo como um fantasma (Kaës, 2001, p. 14).

Isto é, funciona como um processo psíquico instalado no inconsciente que acompanha o sujeito e o assombra, sem que ele perceba.

Sendo assim, aquilo que não foi inscrito na vida psíquica dos pais fica depositado na psique da criança, dos filhos: “a falta, a doença, o crime, os objetos desaparecidos sem traço nem memória, pelos quais não se realizou trabalho de luto e, na maioria das vezes, dos quais nem se falou” (Inglez-Mazzarella, 2021, p. 87). A autora amplia a discussão, pois, em sua obra, ela insere a concepção de luto que não foi realizado.

Segundo Inglez-Mazzarella, “a negatividade é aquilo que se transmite de um a outro e determina uma patologia; constitui a transmissão daquilo que não está, ou porque foi negado, ou reprimido, ou forcluído, ou, ainda, desmentido” (2006, p. 87). Em histórias recobridoras, o silêncio e o segredo podem tamponar o medo e se tornarem uma experiência da ordem do impensável, do não simbolizado, sobretudo por se considerar o luto sempre como um trauma da experiência humana e que, a partir de então, constitui-se uma defesa psíquica contra a dor da perda. Nesse sentido, aprofundemos a origem do impensável e dessa transmissão dos pais entre gerações como a causa de angústias inomináveis em função de lutos não elaborados.

O IMPENSÁVEL A PARTIR DE FREUD

O texto de Freud (2014a) de 1916, *Conferências introdutórias à psicanálise*, apresenta os atos psíquicos como impensáveis, por meio do fenômeno dos atos falhos. Freud explica pequenos deslizes da função psíquica, de natureza desimportante, causados por fatores inexplicáveis, aos quais é dedicada pouquíssima atenção, mas que são explicados pelo autor. Acerca de um imperceptível que tem um sentido e um significado, Freud (2014a, p. 38) menciona que “há um grande número de funções que executamos automaticamente, às quais dedicamos pouquíssima atenção e que, no entanto, cumprimos com absoluta segurança”. Isto é, existem processos psíquicos que são despercebidos, mas que realizamos sem ao menos pensar sobre eles. Nesse caso, Freud está se referindo aos atos falhos para explicar a importância de processos que são impensáveis e que, normalmente, podem ser considerados frutos de questões fisiológicas, de um cansaço, de uma agitação, entre outros fatores, mas que ainda assim não são suficientes para explicar a origem psíquica. Assim, Freud (2014a) nos oferece uma origem mais profunda quando escreve que os atos psíquicos têm um significado, surgindo das interferências mútuas de duas intenções.

Esse texto de 1916 trata de processos tais como a simples troca do nome de alguém, um esquecimento, um lapso verbal — os quais são impensáveis, pois não paramos para analisar ou nos perguntar por que falamos ou fizemos aquilo. Freud aponta, por exemplo, como os desejos inconscientes podem se manifestar em um ato falho, como no caso do governador que, ao abrir uma sessão no plenário, em vez de dizer que a sessão estava aberta, disse que estava encerrada. Porém, quem se apegaria a um “erro”, a uma simples troca de palavras? Com isso, Freud assevera que nossos atos psíquicos são impensáveis, imperceptíveis, mas que possuem significado e sentido. Sendo assim, mais do que um pensamento recalcado, pode haver, também, nesses atos psíquicos imperceptíveis, o pensamento recusado, vindo não do mecanismo de defesa da negação, mas do mecanismo de defesa da recusa, de modo que, neste, não existe significado ou valor simbólico, porque é uma ideia que não pode ser pensada, recusada da mente e encoberta por outra história, transmitida em um estado bruto. Desse modo, a recusa é um mecanismo constituído, inscrito e transmitido, que justifica um modo de funcionamento psíquico que dificulta o pensamento em uma cadeia de significados e de simbolização de uma experiência traumática, para se proteger psiquicamente.

Além do texto de 1916, há também outra referência na qual as ideias de transmissão psíquica impensável se apoiam e se articulam com o luto impensável: *Introdução ao narcisismo* (Freud, 2010a).

No trabalho de Tatiana Inglez-Mazzarella *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações* (2006), a autora traz uma compreensão acerca do narcisismo, assim como outros autores, por exemplo, Kaës (2001), que descreve a intenção inconsciente de uma transmissão psíquica referente aos desejos insatisfeitos e inconscientes que os pais passam para os filhos, isto é, ao narcisismo de outrora, abandonado, que pode ressurgir por meio dos filhos. Acerca do narcisismo descrito por Freud, a autora escreve:

Freud fala de uma transmissão através das gerações dada pela via narcísica, ao colocar a afetividade com os filhos como renascimento do narcisismo dos pais. Diante da mortalidade do Eu, a segurança é alcançada pela busca de continuidade nos filhos, que transforma em amor objetal o narcisismo dos pais, no filho renascido (Inglez-Mazzarella, 2006, p. 42-43).

Esse é um modelo de ato psíquico imperceptível, impensável, posto que existem filhos “herdeiros” que estão vivendo para cumprir o desejo dos pais. Filhos que vivem uma vida que sentem não ter sentido próprio. Trata-se de um narcisismo que retorna em outras gerações. Assim, podemos compreender que é possível que vivências de perdas não ditas, silenciadas, traumatizantes e desejos recusados sejam transmitidos aos filhos e que se tornem vivências impensáveis, automáticas e geradoras de mal-estar e angústia.

Freud (2010b) escreve, em *Luto e melancolia*, que o luto exige um trabalho de elaboração, que implica uma aproximação do objeto perdido, das lembranças, das emoções vividas com o objeto “desaparecido” e, após olhar e se aproximar desse objeto, o indivíduo, aos poucos, consegue encerrar um ciclo, dando um lugar para o objeto amado que foi perdido, que morreu. Entretanto, pode ocorrer a falta desse trabalho de luto, devido a uma falha na transmissão psíquica entre gerações, tornando a perda algo impensável.

Em *Luto e melancolia* (2010b), Freud discute o status melancólico girar em torno da negação e do afastamento da realidade. O autor, no texto *Neurose e psicose* (2011), referencia a negação em relação ao mecanismo de defesa do recalçamento. Todavia, acerca do luto impensável, foram pensados, neste trabalho, os aspectos do mecanismo de defesa da recusa operando e sendo transmitido.

Nesse sentido, Inglez-Mazzarella (2021) traz um conceito baseado nas histórias encobridoras de Freud e, a partir disso, propõe a ideia de histórias recobridoras, cuja proposta é apontar um estatuto de histórias que é construído e instalado pela via da inexistência de dúvidas acerca do já sabido. Com isso, evita-se o trabalho de elaboração de impressões traumatizantes, o qual deixa em suspenso o sentido das perdas, pois “cria-se uma história recobridora ali onde deveria se instalar o trabalho de luto; tenta-se evitar a dor [...]” (Inglez-Mazzarella, 2021, p. 80). A autora também afirma que pensa

em considerar a história recobridora como um tipo de narrativa em que palavras-coisa ocupam o espaço onde deveria se instalar a inscrição de uma perda. Evita-se o contato com a perda, como na cripta; desse modo, a história recobridora protege da melancolia (Inglez-Mazzarella, 2021, p. 81).

Por isso, nesses casos, o sujeito fica impossibilitado de entrar em contato com a dor das perdas e, assim, o luto se estabelece, de certa maneira, “encalacrado”.

A autora destaca narrativas que se perpetuam pela via do inquestionável e compreende que esse é um reposicionamento do sujeito diante das percepções negativas, traumatizantes, e que é um reposicionamento que resguarda e protege o sujeito de angústias avassaladoras. Acho bastante interessante a frase de Inglez-Mazzarella que resume bem o que ela quer dizer por narrativa recobridora: “trata-se de uma história tapa-buraco para impedir um desmoronamento” (Inglez-Mazzarella, 2021, p. 81). Aqui, a recusa é um mecanismo fundamental para compreender tal dinâmica psíquica.

A RECUSA COMO DEFESA TRANSMITIDA

Segundo a definição de Inglez-Mazzarella (2021), a recusa se trata de uma percepção negativa da realidade que, ao mesmo tempo, é recusada ou abolida. Citando Octave Mannoni, a autora reproduz a seguinte frase, a qual expressa a recusa: “eu sei, mas mesmo assim...” (Inglez-Mazzarella, 2021, p.58). Nesse sentido, o sujeito preserva uma postura fixa que desmente o percebido, ou o rejeita por completo — postura essa que é transmitida entre as gerações.

Segundo Penot (1992), a recusa não estabelece crítica alguma, pois está em “suspensão”, o que leva o sujeito a nenhum posicionamento, a não ser um posicionamento indiferente. O autor ainda ressalta:

Como Freud destacou, por muitas vezes, o fenômeno da recusa-clivagem não consiste em apagar esta ou aquela representação desagradável no campo da consciência como faz o recalçamento. Pelo contrário, é a significação particular, que nela está implicada, que permanecerá “invalidada” no jogo da metaforização (Penot, 1992, p. 34).

Nesse sentido, como menciona Penot, a recusa é um processo que reduz a representação à não significância e cujo objetivo é abolir a representação e seus efeitos na economia psíquica. São pensamentos radicalmente invalidados. É a partir dessa linha de pesquisa que a perda se estabelece de forma impensável, em torno de defesa psíquica.

Penot (1992) vai ressaltar uma falha, uma falta, que ocorre na transmissão da vida psíquica. Uma falha na transmissão dos pais para os filhos. O autor concebe que essa falha está associada à ideia de castração que está posta na vida de todo sujeito. Nesse sentido, a maneira como os pais lidam e enfrentam suas castrações, sendo elas parte do processo normal constitutivo do psiquismo, definirá o modo como o sujeito se relacionará na vida e encarará a realidade. Sabemos que, nesse processo constitutivo, é possível que, em vez de o sujeito renunciar às suas pulsões, ele recuse a realidade do mundo externo, recuse a percepção da castração. Por essa via, Penot (1992) compreende que esse mesmo mecanismo da recusa será passado para as gerações seguintes, como uma espécie de herança psíquica da recusa. Diante do mecanismo da recusa da castração, atos psíquicos se tornam automáticos, imperceptíveis e impensáveis.

O luto impensável consiste, então, em um sintoma que reflete a falta de capacidade de construção de sentido, de pensamento, representação simbólica e valor simbólico de experiências de perdas traumáticas, devido à experiência dos pais relacionada à recusa da castração e à maneira como foi constituído seu modo psíquico de defesa, sendo o mecanismo de defesa da recusa uma transmissão da vida psíquica entre gerações. Kaës (2001, p. 41) afirma que o que é passado para outras gerações é um sistema de defesa: “O que passa a ser transmitido é um sistema de proteção, que deriva do traço, ele mesmo memória da agressão e da defesa”.

André Green (1988) abordou o tema das neuroses narcísicas, de casos *borderline*, chamados “limite”, e ressalta, por exemplo, o trabalho *A mãe morta*, que, a meu ver, pode representar essa transmissão da ausência psíquica, apesar de se tratar de uma ausência na presença. Falta o valor simbólico. A falta de investimento narcísico ou o excesso — seja a ausência excessiva ou a presença excessiva não metabolizada dos pais — que recai sobre o filho não deixa de ser também uma transmissão de um estado psíquico dos pais. Acerca disso, Junqueira (2019) afirma que “na esteira de Green, podemos imaginar que os pacientes-limites não são melancólicos, e sim filhos de pais melancólicos” (p. 159). Funciona, portanto, como uma herança recebida.

Inglez-Mazzarella observa que, para tais casos, a tarefa do analista é a de pensar o impensável. Para a autora, “no encontro com as histórias recobridoras, o analista está convocado à tarefa de pensar o impensável por meio de um cuidadoso e delicado trabalho de ligação ali onde a cisão, a clivagem, foi buscada como tentativa de solução” (Inglez-Mazzarella, 2021, p. 82).

Inglez-Mazzarella (2006, p. 80) escreve que o que é transmitido é o “afeto, [os] mecanismos de defesa, [os] sintomas, [os] traumas”, por meio de mediações tanto verbais quanto não verbais, conscientes ou não. Quando o sujeito se apropria de sua herança, ele pode transformá-la como sua. No entanto, na dificuldade dessa apropriação, em que não se constroem ligações, ele se submete a uma herança que o aliena.

Segundo Kaës (2001), essa transmissão da vida psíquica implica uma noção de barreira protetora, cujo nome Freud definiu como para-excitação e barreiras de contato, sendo que, no conflito entre o ego e a realidade externa, ocorre uma falha na transmissão desse dispositivo, que não garante o controle da excitação interna e externa num espaço de transformação. Marion Minerbo (2019), em *Neurose e não neurose*, observando os casos-limite, chamará esse dispositivo falho na proteção do afluxo de excitação de “mãe”. A mãe é aquela que dá o contorno diante dos excessos. Quando a mãe não tem condições de ser essa para-excitação para seu bebê, ele não terá, sozinho, condições para dar seu próprio contorno em situações de excessiva excitação, tensão libidinal.

Nesse sentido, Kaës (2001) dirá que é a própria integridade da vida psíquica que está ameaçada. Portanto, o sujeito se encontra sem condições de lidar com as perdas, pois a ausência de um dispositivo transformador deixa o sujeito em completo desamparo, sem sentido de existência própria — mais do que isso, o sujeito sente que pode desintegrar, desorganizar, desmoronar. Pensando nisso, para ilustrar o pensamento clínico e teórico, a seguir descrevo um caso clínico a partir da experiência de um atendimento clínico realizado pela psicanalista Julieta Jerusalinsky (2014), em sua obra *A criação da criança*.

“Uiii, OLHA QUE LINDO!”: A ANÁLISE DE UM CASO CLÍNICO

Julieta Jerusalinsky (2014) desenvolve um trabalho na clínica de bebês no qual considera a infância como um tempo de abertura a inscrições psíquicas constituintes para a estruturação psíquica. Isso não significa que, na vida adulta, o processo não continue se constituindo. No entanto, a infância é o período em que a criança se encontra mais vulnerável e permeável. Nesse sentido, a mãe, a princípio, nomeia e traduz o mundo para o seu bebê mediante a linguagem verbal ou não verbal, as expressões, a fisionomia e a sua maneira de pensar. Tais formas de se comunicar inscrevem na criança uma maneira de se relacionar com o mundo. Tanto os desejos inconscientes quanto os conscientes são transmitidos no período da infância. Desse modo, a transmissão da vida psíquica de geração produz uma subjetividade no sujeito. Jerusalinsky (2014), em seu livro *A criação da criança*, traz um recorte clínico interessante acerca de um luto impensável e, a meu ver, que se encaixa na perspectiva de uma transmissão do não dito, apesar de o caso tratar-se de uma criança. Convido, então, o leitor a refletir o mesmo caso na posição de um adulto com sua identificação prejudicada.

O recorte clínico “Tchau, mãezinha”² retrata a história de uma menina, com pouco mais de três anos, cuja mãe a leva para o atendimento. A criança chega com o encaminhamento do pediatra, devido à sua dificuldade em compreender alguns problemas de atraso e aquisições, como o controle dos esfíncteres. Jerusalinsky chama a menina de Mariana (nome fictício).

Inicialmente, Mariana entra na sala sorridente, de mãos dadas com sua mãe. A menina olha para a psicanalista e para a estante de brinquedos e diz: “Uiii, olha que lindo!”. Ao pegar o brinquedo, coloca-o no colo da psicanalista. Quando Jerusalinsky tentava desenvolver um brincar com a criança, ela, então, exclamava novamente: “Uiii, olha que lindo!”, e partia para pegar outro brinquedo da estante, de modo que interrompia o brincar entre as duas.

Apesar da entonação simpática de Mariana, a psicanalista percebe que a fala não se dirige ao outro em uma condição de alteridade. Sua fala simpática não abria espaço para

² Recorte clínico apresentado por Julieta Jerusalinsky em seu livro *A criação da criança* (2014).

uma relação dialógica, posto que a fala cortava a brincadeira e, logo, já se iniciava outra, impedindo qualquer deslizamento significante. Jerusalinsky (2014) interpreta a frase como uma holófrase, unívoca. Nesse aspecto, a autora considera a ideia de Lacan, que afirma que “toda holófrase se liga a situações-limites, em que o sujeito está em suspenso em uma relação especular ao outro” (Lacan, 1986, p. 258 apud Jerusalinsky, 2014, p. 61, grifo da autora)³.

A frase de Mariana repetia a linguagem de outra pessoa inscrita nela: “isso que ela diz é o que ela é: ela é o objeto lindo a ser olhado e só” (Jerusalinsky, 2014, p. 61). Na saída de uma das sessões, a mãe da menina pede que Mariana se despeça da analista, e o diálogo ocorre da seguinte maneira:

— Diz tchau para ela, mãezinha! — revelando assim o apelido íntimo pelo qual essa mãe chamava a filha: “mãezinha”.

Mariana para, olha para a mãe, e me olha, e após certa vacilação, precipita seu gesto em uma certeza: se vira e abana para a mãe.

— Tchau para mim não, para ela! Retruca a mãe, enquanto me aponta como a correta destinatária do gesto da filha, na tentativa de corrigir o que toma como um erro de compreensão da menina diante de sua demanda.

— Mas quem é a mãe aqui? — pergunto. Ao que a mãe se surpreende e diz: “É, sou eu” (Jerusalinsky, 2014, p. 61).

Nesse momento, a analista toma o gesto da menina e o valida como a resposta de um sujeito que tem saber e que também, a partir de então, fez a mãe poder perceber o quanto era imperceptível e impensável o apelido que dera para a filha. Depois dessa cena, a mãe conta para a analista que, pouco antes do nascimento de Mariana, ela havia perdido sua mãe e que, a partir dessa morte, entrou em depressão. Assim, a mãe passou a ser atendida por outra psicanalista da clínica, onde pôde falar sobre o seu lugar de filha e de mãe.

Além desse aspecto, a mãe de Mariana relatou o fato de sua filha ter ficado bastante tempo com seu cunhado, que gostava de admirá-la enquanto ela realizava suas brincadeiras. Esse cunhado desautoriza os pais da menina na frente de Mariana. A mãe, então, revela seu temor pelo cunhado, posto que ele a havia abusado em sua pré-adolescência. Após a leitura desse caso, minha hipótese é de que, aqui, o não dito aparece.

Nesse sentido, Jerusalinsky interpreta o ocorrido como encadeado à série significante parental. Mariana tornara-se o objeto do desejo do outro, não de seu próprio desejo. Sobretudo, na posição de objeto incestuoso oferecido ao olhar do tio, como se fosse natural.

Pouco antes do término do atendimento de Mariana, o pai compareceu aos atendimentos e relatou ter percebido o problema da filha e a sua melhora. O homem, então, falou: “Apesar de bonita e inteligente, ela antes não falava, não conversava com as outras crianças. Por exemplo, não respondia se lhe perguntassem: quem é você?”.

Mariana, ao escutar, diz: “Menina!”, parando a brincadeira e olhando com surpresa. Jerusalinsky, então, compreende que Mariana já não estava mais nesse lugar, indo para outro lugar além daquele em que foi colocada no fantasma parental. “Era uma menina. Nem um objeto lindo a ser olhado pelo tio, nem a ‘mãezinha’, objeto melancólico do luto materno não elaborado. Mas, para começo de conversa, uma menina, enfim” (Jerusalinsky, 2014, p. 63).

Esse caso apresenta um luto não elaborado de uma mãe e um quadro de abuso, de uma relação incestuosa, que repercutia e afetava a vida de Mariana, de modo que ela não

³ LACAN, J. (1953-1954). *O seminário*: livro 1: os escritos técnicos de Freud. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

conseguia ser um objeto de sua própria vontade e ter um certo tipo de controle e aquisição de si. Ela era o objeto a ser admirado do outro, presa, recuada, diante da falta de simbolização de sua mãe. O caso da perda da mãe e o abuso, ao que parece — e suponho com a descrição do caso —, não se tratava de uma negação, mas da experiência de um vivido sem o devido reconhecimento de valor simbólico da perda e do abuso, sendo transmitido na vida psíquica de uma criança de três anos, que pôde, por intermédio do tratamento psicanalítico, se constituir como um sujeito de seu próprio saber, a partir de então, podendo pensar sobre quem é.

Enquanto lia o caso, pude refletir sobre a consideração de Jerusalinsky acerca desse caso se tratar de um quadro-limite de uma patologia narcísica que, de acordo com as minhas percepções clínicas, muito se identifica com o funcionamento do luto impensável. Afinal, a mãe de Mariana não havia realizado o luto de sua mãe, como uma percepção recusada, no sentido de valor significativo na vida dela, além do abuso sofrido pelo cunhado.

Em relação ao não dito, me perguntei: Por que, mesmo passando pela experiência de abuso com o cunhado na adolescência — experiência, por sinal, traumática de um sujeito — e sabendo dos riscos que sua filha corria com um tio abusivo, ainda assim essa mãe permitiu que ele passasse tempo com sua filha? Seria uma recusa? Não deixar a filha com o tio seria reconhecer o doloroso trauma e ter que elaborar uma dor e fazer um luto?

A fala da menina — “Uiii, olha que lindo!” — tão “simpática”, mas desconectada de uma relação dialógica, como percebeu a analista, no fundo parecia denunciar o efeito de uma transmissão da vida psíquica de um trauma vivido pela mãe, depositado na psique da menina, sem que ela soubesse.

Esse foi um caso que teve um bom desenvolvimento, no qual não apenas a criança esteve em acompanhamento psicológico, mas a mãe também. No entanto, no início da apresentação do caso, convidei o leitor a refletir, pensando na possibilidade de que essa história ocorresse frente a um adulto. Suponho a angústia de não poder ser sujeito de sua própria vontade ou a angústia de se perceber um sujeito após um trabalho de elaboração de luto, de deixar de estar à mercê do outro como objeto de admiração e de constituir sua própria subjetividade diante da percepção de um mundo externo que traumatiza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perdas que vivenciamos ao longo do desenvolvimento humano exigem de cada sujeito um trabalho de luto. Sendo assim, Abraham e Torok (1995) escrevem que o trauma da perda objetual induz a uma incorporação do objeto perdido no ego do enlutado: “por não poder liquidar o morto e decretar, definitivamente, ‘ele não existe mais’, o enlutado transforma-o em si mesmo e, conseqüentemente, permite-se elaborar aos poucos os efeitos da ruptura” (Abraham; Torok, 1995, p. 220). Isto é, a ruptura precisa ser feita de modo gradual; do contrário, se essa ruptura não for realizada, a perda permanecerá em seu estado bruto, sem metabolização, podendo afetar a maneira como será transmitida para a geração seguinte, causando, nos membros familiares da geração seguinte, a experiência traumática sob a forma de uma incorporação sem trabalho elaborativo (Azevedo; Brandão, 2019). Traumas vivenciados pelas gerações anteriores precisam passar por um processo de elaboração psíquica, por uma metabolização, de forma que a experiência não permaneça congelada em seu estado bruto, impensável. Dessa forma, a percepção do trauma pela geração seguinte fica comprometida.

Segundo Azevedo e Brandão (2019), o traumatizado é um sujeito que tomou o lugar de outro que vivia anteriormente, e os significantes que são transmitidos sem traços de memória e sem sentido permanecem congelados em uma pré-história geracional, sem simbolização. Assim, considero a importância do pensamento psicanalítico e a delicadeza no manejo para esses casos nos quais os lutos são impensáveis, como forma de proteção psíquica. No entanto,

é necessária a construção de sentido e de ligação do que foi rejeitado, e é preciso que se construam representações simbólicas, de modo que o sujeito possa criar um sentido de existência própria e desenvolver uma capacidade de suportar, minimamente, a realidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995.
- AZEVEDO, Luciana Jaramillo Caruso de; BRANDÃO, Eduardo Ponte. Trauma e transmissão psíquica geracional. *Revista Ágora – Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 8-18, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/FdrsXSXvBzxV6nWDtMx5Fvw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2014a. (Obras Completas, v. 13).
- FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios da metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. (Obras Completas, v. 12).
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios da metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. (Obras Completas, v. 12).
- FREUD, Sigmund. Neurose e psicose (1924). In: FREUD, Sigmund. *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos* (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras Completas, v. 16).
- GREEN, André. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- GREEN, André. A mãe morta. In: GREEN, André. *O discurso vivo: clínica psicanalítica do narcisismo*. Tradução de Maria Cecília M. Cintra. Rio de Janeiro: Imago, 2005. p. 135-168. (Obra original publicada em 1993).
- INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações*. São Paulo: Escuta, 2006.
- INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. *Histórias recobridoras: quando o vivido não se transforma em experiência*. São Paulo: Blucher, 2021.
- JERUSALINSKY, Julieta. *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Salvador: Ágalma, 2014.
- JUNQUEIRA, Camila. *Metapsicologia dos limites*. São Paulo: Blucher, 2019.
- KAËS, René. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- MINERBO, Marion. *Neurose e não neurose*. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2019.
- PENOT, Bernard. *Figuras da recusa: alguém do negativo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

Artigo recebido: 16 de setembro de 2024

Artigo aceito: 10 de março de 2025